



UFFS promove Seminário sobre Plano Estadual de Educação de Santa Catarina

A Universidade Federal da Fronteira Sul e o Fórum Estadual de Educação de Santa Catarina promovem na próxima segunda-feira (1º de dezembro) o Seminário Plano Estadual de Educação de Santa Catarina (2015-2025). O evento, aberto à participação da comunidade regional, acontece a partir das 8h30, no auditório do bloco B do Campus Chapecó.

O Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado em junho de 2014, estabeleceu, em seu Art. 8º, que os estados e os municípios têm até junho de 2015 para elaborar e readequarem seus planos de educação. O Estado de Santa Catarina iniciou os trabalhos de elaboração do Plano Estadual de Educação (PEE/SC) no segundo semestre deste ano. A Secretaria

ria Estadual de Educação e o Fórum Estadual de Educação ficaram responsáveis pela elaboração/coordenação da minuta do Plano e também das discussões e debates públicos com a sociedade.

A UFFS, como integrante do Fórum Estadual de Educação, recebe agora mais uma etapa de debates. De acordo com o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e membro do Fórum, Joviles Trevisol, “enquanto universidade pública federal que tem compromissos claros com a formação de professores e com a pesquisa em educação, a UFFS está promovendo um seminário específico para debater o plano. É o momento de envolver a comunidade acadêmica e regional nesse debate. É o momento de contribuirmos na formulação das

políticas públicas educacionais do Estado e contribuir com essa monumental tarefa de promover a educação de qualidade em todos os níveis, especialmente a Educação Básica”.

Conforme Trevisol, ficou estabelecida a data de 5 de dezembro como prazo para as entidades debaterem a minuta e apresentarem as proposições de ajustes. As proposições serão incorporadas à minuta, e o documento-base seguirá para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina para análise e aprovação final.

A versão preliminar do plano encontra-se disponível na página da Secretaria Estadual de Educação, tendo sido objeto de inúmeros seminários, fóruns e reuniões em todas as regiões do Estado.

Cerro Largo: Seminário reflete educação básica e avalia Programa de Formação Continuada

“Aquilo que se vê nos livros, nos computadores, nos diferentes armazéns do conhecimento já não é mais conhecimento, são saberes da humanidade, porque o conhecimento tem que ser algo sempre novo, tem de representar uma nova geração daquilo que se conhece como a realidade”. A frase do secretário de Educação do Rio Grande do Sul, José Clóvis de Azevedo, mostra um novo conceito para o ensino. Porém, como transmitir saberes e gerar conhecimento aliando teoria e prática na realidade da educação pública básica no Estado? Para refletir sobre questões como essa é que se reuniram, nesta quinta-feira (27), em Cerro Largo, cerca de 800 pessoas para o I Seminário Macromissionário de Formação Continuada de Trabalhadores em Educa-

ção. O evento contou com a participação de representantes de seis Coordenadorias Regionais da Educação (CREs) dos municípios de Santo Ângelo, Santa Rosa, Ijuí, São Luiz Gonzaga, Três Passos e Cruz Alta, do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) de oito núcleos da região, de Secretarias Municipais de Educação de 85 municípios, da Promotoria de Justiça Regional de Educação de Santo Ângelo e Missões e de oito Instituições de Ensino Superior (IES) presentes no estado.

O Seminário representou o encerramento da 1ª fase do programa Interinstitucional de Formação Continuada dos Trabalhadores em Educação da Região Macromissionária – Noroeste do RS. O Programa, iniciado neste ano, buscou articular insti-

tuições nos diferentes níveis federal, estadual e municipal para refletir as práticas pedagógicas na educação pública básica nesta região. Conforme afirma o coordenador, Luis Fernando Gastaldo, professor da UFFS, esta foi uma fase de avaliação e sistematização dos trabalhos realizados ao longo de 2014. “O grande desafio agora é mantermos isso em andamento. Depois de todo um processo de construção, este ano pudemos efetivar as formações, por meio dos Grupos de Trabalho”, afirma. Gastaldo também explicou o caráter interinstitucional que define o Programa: “não somos nós que devemos ditar o que a escola deve fazer, os próprios professores sabem de suas necessidades e é nisso que auxiliamos e foi dessa forma que fizemos desde o início”.

Para José Clóvis, o Programa é referência para outras regiões: as universidades já têm ido às comunidades e é muito produtivo fazer essa ponte, essa integração entre a educação básica e a universidade. “Quando a proposta surgiu, eu disse: ‘é isso que precisamos fazer’. É uma referência fantástica, é a ideia mais importante que se viu em termos de formação nos últimos tempos”, avalia o secretário.

Articulação interinstitucional

Para fazer a formação continuada de cerca de 10 mil profissionais da educação (entre professores e funcionários das escolas), de 85 municípios do Estado, é preciso que várias instituições trabalhem juntas em prol da otimização da educação. Coordenada pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Cerro Largo, ela ainda conta com oito IES da região, que atuam como instituições formadoras: Instituto Federal Farroupilha (IFF dos campi Santa Rosa, Santo Ângelo e Panambi), Unijuí, URI, IESA, Unicruz e Setrem. Para o diretor da UFFS – Campus Cerro Largo,

Edemar Rotta, esse foi um movimento significativo que representa um grande ganho para a educação. “Além de unir os trabalhadores em educação, ele também congregou as instituições. Só tivemos movimento similar a esse na década de 90. Estávamos muito desarticulados em termos de participação das IES na formação dos docentes, pois cada um fazia o seu trabalho separadamente”, reflete Rotta.

Reconhecimento Nacional

O vice-reitor da UFFS, Antônio Andrioli, que esteve presente no evento, informou que o Programa representa “o maior projeto de extensão da Universidade e também o melhor avaliado programa de formação continuada de trabalhadores do Brasil”. Ele também ressalta o protagonismo dos professores por terem a função de definir as estratégias, os métodos e objetivos utilizados. “É um processo que parte da valorização do profissional docente, envolvendo técnicos da educação e todos os profissionais que atuam no Ensino Médio e na Escola Básica da região, trazendo o

protagonismo desses profissionais para a elaboração do próprio Programa”, informa Andrioli.

Painel de GT’s

Os representantes dos Grupos de Trabalhos puderam relatar aos demais suas experiências realizadas ao longo de 2014. Cada um dos GT’s foi composto por profissionais da área temática, por um coordenador designado pelas CRE’s e por um professor assessor de uma das IES, também vinculado à área de interesse. Foram formados cerca de nove GT’s em cada CRE abrangendo diferentes áreas de conhecimento: Gestão, Alfabetização e Letramento, Seminário Integrado, Educação Profissional, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Códigos e Linguagens e, por fim, Funcionários de Escola.

No encerramento da primeira etapa, foi entregue um documento à Secretaria de Educação do Estado solicitando a garantia da continuidade do Programa nos próximos anos.

Palestra e oficina na UFFS – Campus Chapecó tratam da inovação nos PPCs

Inovação nos PPCs foi o tema de dois eventos promovidos pelo Núcleo de Apoio Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, com apoio da Coordenação Acadêmica e Direção, na quinta-feira (27) e na sexta-feira (28). A professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Litoral, Angela Massumi Katuta, abordou o tema em uma palestra e em uma oficina.

Leia na entrevista um pouco do que foi tratado nas atividades.

- A palavra “inovação” se aplica a várias áreas. Como se aplica aos PPCs?

Professora Angela: Inovação é uma palavra que precisa ser ressignificada, porque ela não surge pronta e é um processo coletivo, é um caminhar, é autogestivo e pode resultar em uma reinvenção dos processos educativos dentro de uma universidade. Por isso tem que ficar bem claro que a inovação não surge pronta, é um processo em Educação.

- Por que é tão importante essa questão da coletividade?

Professora Angela: Porque em termos educacionais e também para uma universidade democrática, que se queira popular, a questão da autogestão, da participação e da construção coletiva – portanto de construção e fortalecimento de processos democráticos internos – são fundamentais. São processos formativos também.

E também tem a questão da estratégia: os movimentos sociais, muitos deles, têm essa construção coletiva porque se alguém sai do processo, o coletivo ainda consegue caminhar. Se o processo fica nas mãos de alguém e essa pessoa sai, não existe um coletivo que desponte para continuidade dessa construção. Por isso é importante aprender com os movimentos sociais e fazer a gestão coletiva dos processos. Todo mundo ganha com isso.

- Relate um pouco do processo na UFPR – Setor Litoral.

Professora Angela: É uma construção que a gente chama de Tecnologias Sociais

e Educacionais, voltadas exatamente para processos de protagonismo dos educandos, construção de capacidade de auto-gestão, de participação, de autonomia intelectual. A caminhada começa quando eu entro em crise com a universidade que aí está e de desejo de uma universidade mais democrática, que o povo tenha acesso – e não apenas uma elite. É um encantamento com o Projeto Político Pedagógico da UFPR – Setor Litoral, que nessa perspectiva tem um trabalho com inclusão muito grande e todo um contexto de PPP que permite que os Projetos Políticos dos Cursos sejam diferenciados – que trabalhem com a dialogia, que trabalhem com a realidade social com a qual o estudante está inserido, que trabalhe com o desenvolvimento social local.

- A UFFS é uma universidade recente. É possível seguir esse rumo?

Professora Angela: Penso que sim, até porque a UFFS, de partida, já surge com essa perspectiva. O fato de surgir com a perspectiva não indica que tudo esteja ga-

rantido. Na verdade, é uma construção. Há uma institucionalidade que garante, por exemplo, uma entrada mais democrática, mas precisa, neste processo de autogestão, de construção coletiva, fortalecer os docentes, os PPCs, para que esses edu-

candos permaneçam na instituição e que cada vez mais educandos de menor faixa de renda consigam ter acesso e permanência na instituição.

Vejo com grande esperança institutos federais e universidades que na sua

constituição já nascem inclusivas. É preciso olhar com muito carinho para essas instituições que têm nas suas origens esse compromisso.

Erechim: Pesquisadores e movimentos sociais debatem Educação e reforma agrária

Com a presença de representantes de movimentos sociais, pesquisadores, professores, estudantes e comunidade regional, iniciou na noite desta quarta-feira (26) o primeiro Colóquio do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Agrários, Urbanos e Sociais (Nipeas), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim. A conferência de abertura foi ministrada pelo professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Bernardo Manganho Fernandes, que abordou o tema “A Universidade Popular e a Questão Agrária”. A programação do Colóquio segue nesta quinta (27) – tarde e noite – e sexta-feira (28) – manhã, tarde e noite.

Antes do evento Fernandes participou de um diálogo com estudantes e professores em que falou dos aspectos principais das pesquisas que vêm desenvolvendo em torno da questão agrária brasileira no século XXI. De acordo com o pesquisador, quando se analisa essa área é preciso ter em mente que a questão agrária acontece a partir das relações capitalistas. “A riqueza produzida pelo trabalho é concentrada pelas empresas capitalistas, de maneira que, uma grande parte dos agricultores acaba trabalhando, produzindo, mas não consegue uma renda suficiente, inclusive, para a sua própria subsistência. A renda capitalizada da terra para mim é o elemento principal daquilo que nós chamamos de questão agrária, porque a partir do momento que o agricultor não consegue ter uma renda suficiente para sobreviver o capital cria um processo de desigualdade, de diferenciação, que gera pobreza, miséria, destruição do agricultor”.

Fernandes explica que ao mesmo tempo que o capital, através da renda capitalizada da terra, destrói esse agricultor camponês, familiar, ele também o recria por meio de processos como o arrendamento

de terras e as ocupações. Nesse sentido, a reforma agrária é um elemento para a recriação do campesinato. “O que se tem visto no Censo Agropecuário é que o processo de destruição é maior que o processo de recriação, e não é só no Brasil. O número de agricultores está diminuindo em praticamente todo o mundo”, afirma.

Segundo ele, atualmente, há elementos relativos à questão agrária que na década de 90 não eram tão expressivos, os quais se tornam importantes, especialmente pela expansão do agronegócio, o qual além da concentração de terras, tem outras características, como a estrangeirização. Para Fernandes, este aspecto tem raízes, principalmente, no fato de o campo ter deixado de ser apenas produtor de comida e de fibras, passando a ser visto, também, como produtor de energia, por meio dos agrocombustíveis. “Ao mesmo tempo que o agronegócio se fortalece com base nisso, também tem um ponto fraco que se chama agrotóxico, ou seja, o problema que os agrotóxicos têm produzido na saúde humana e ambiental tem colocado em jogo o futuro do agronegócio. Me parece que um elemento novo da questão agrária para os próximos anos é a disputa

entre commodities e comida, ou melhor, comida saudável”, diz.

Abertura

No ato oficial de abertura do I Colóquio do Nipeas, a mesa de honra contou com a presença do diretor da UFFS – Campus Erechim, Ilton Benoni da Silva, do coordenador do Nipeas, Êmerson Neves da Silva, do representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), Douglas Cenci, do representante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Rafael Motter, e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Miguel Stedile.

Na noite desta quinta-feira (27), além da mesa de debates “Atores Sociais, Projetos de Emancipação e a Produção do Conhecimento na Fronteira Sul”, ocorrerá uma homenagem ao primeiro coordenador administrativo da UFFS – Campus Erechim, Dirceu Benincá, indicado pelas organizações do movimento pró-universidade para a função durante o período de implantação da instituição.

Para saber mais sobre a programação do Colóquio acesse o blog: coloquionipeas.blogspot.com.br/.



Professor do Campus Laranjeiras do Sul fala sobre Segurança Alimentar na Câmara dos Deputados

O professor Julian P. Cassarino, da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul, palestrou nesta quarta-feira (26) sobre “Agricultura Familiar e Segurança Alimentar”, na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, em Brasília. Cassarino foi indicado pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e pelo Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), órgãos dos quais o docente é membro.

Em sua palestra, Cassarino falou sobre “A relação entre a inflação dos alimentos e a forma como está organizado o atual sistema agroalimentar”. O professor salientou que “a maior parte das atividades produ-

vas está concentrada nas mãos de grandes corporações que controlam os padrões de produção, de consumo e concentram as riquezas geradas no âmbito da produção e comércio de alimentos, excluindo pequenos empreendimentos e a agricultura familiar, que são atores fundamentais para redesenhar o sistema agroalimentar”.

Com a realização do evento, o objetivo da Comissão de Direitos Humanos da Câmara foi ampliar a discussão sobre a questão do direito humano à alimentação, especificamente em relação ao papel da agricultura familiar e aprofundar o debate em torno do problema da inflação dos alimentos, buscando compreender os

reais fatores que levam a estas elevações de preços, visando pensar marcos legais para regular a questão.

Consea

O Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) busca promover a articulação entre a sociedade civil e o governo, objetivando propor diretrizes para as ações na área da alimentação e nutrição. O Conselho tem caráter consultivo e assessoria a Presidência da República na proposição de políticas e orientações, voltadas para a garantia do direito humano à alimentação.

“Diálogos interdisciplinares” é tema de Encontro Acadêmico de Letras em Realeza

O 1º Encontro Acadêmico de Letras, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Realeza, foi finalizado na noite desta quinta-feira (27). O evento, iniciado na última quarta-feira (26), abordou temas voltados à educação, à linguística, à literatura e à cultura, por meio de palestras, mesas-redondas, minicursos e oficinas. O evento foi uma promoção da Coordenação de Curso e do Centro Acadêmico de Letras – Gestão “Eu Passarinho”.

O encerramento foi feito com a palestra “O Guarany único e diverso: a língua e cultura nas aldeias e fora delas”, ministrada pelo professor da Unila, Mário Ramão Villalva Filho. O debate foi promovido em parceria com o projeto “Diversidade na UFFS: identidades em foco”. Professor de Língua e Cultura Guarani, Villalva Filho abordou o contexto do mundo guarani em nosso continente, aspectos históricos, culturais e da própria língua.

Para a professora do curso de Letras, Sabrina Casagrande, o evento abordou aspectos específicos da área, envolvendo também outras áreas do conhecimento na promoção da interdisciplinaridade. “Esse diálogo é muito importante, principalmente para os estudantes, futuros professores. Com isso, eles podem visualizar quais diálogos podem ser estabelecidos com outras disciplinas na

escola e na sociedade”, comentou.

Outro momento importante do encontro acadêmico foi a mesa-redonda “Mulheres poetas e poetizadas”, integrada por mulheres representantes da Academia Cascaelense de Letras (Vera Fonseca, Maria Lucia Kleinhans Pereira, Tere Tavares e Maria Aparecida Palma), além da escritora realezense Marli Tereza Ost. Dentro do tema, as convidadas relataram suas experiências como escritoras, as dificuldades e um pouco sobre o processo criativo na criação de

poemas, contos, entre outros.

O grupo de escritoras foi homenageado pelo Projeto Cultural “Joaninha ou o que é?” e o Grupo de Teatro La Broma. Os atores fizeram várias esquetes a partir dos poemas das convidadas. A encenação foi uma surpresa emocionante. “Jamais havia sentido algo igual, foi belíssimo, cheguei a chorar, não tenho palavras para agradecer aos organizadores. Saí convicta de que a arte cria elos que jamais poderão ser rompidos”, comentou Vera Fonseca.

